

CENÁRIOS DE INCERTEZA AFETAM O MERCADO DE CACAU

AIPC
Associação Nacional das Indústrias Processadoras de Cacau

Impactos da pandemia sobre a economia derrubam o consumo no mercado interno e reverberam no setor produtivo.

ASSIM COMO para a economia em geral, o ano de 2020 mostrava boas perspectivas para a cadeia produtiva de cacau. A partir da metade de março, no entanto, esse panorama modificou-se, com sinais crescentes de fragilidade. Com a chegada e os efeitos colaterais da pandemia do novo coronavírus no Brasil, as medidas tomadas pelos governos estaduais, de quarentena e isolamento dos cidadãos, implicaram o fechamento das lojas de rua e dos *shoppings*.

Imediatamente, esse fato teve impactos de forma imprevista sobre os canais de venda dos produtos de chocolates, desde o segmento artesanal, passando pelos estabelecimentos independentes, até o mercado de alimentação fora do lar (*food service*). Isso trouxe recessão e provocou retração na renda e no consumo das famílias. De abril a junho, os pedidos de seguro-desemprego tiveram um aumento expressivo, segundo o Ministério da Economia (ME).

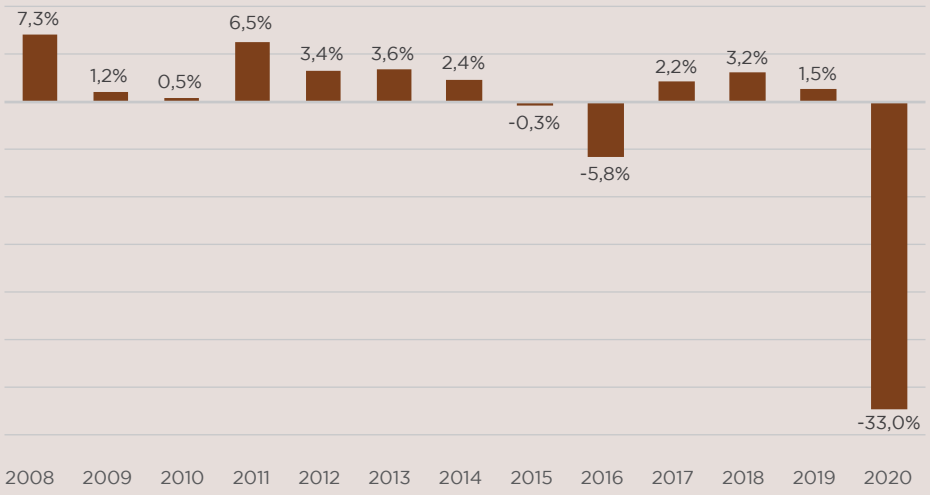
No caso específico dos chocolates, a queda no consumo sofreu um duro golpe, com a redução de 33% nas vendas durante a Páscoa, segundo dados da Boa Vista SCPC. Tida como a data mais importante para toda a cadeia produtiva de cacau, esse período tem como símbolo o chocolate, com a concentração da maior parte da sua comercialização durante o exercício.

As indústrias processadoras de cacau exercem um papel importante na transação e na oferta dos produtos nos mercados de atacado e varejo. A praxe normal é fechar negócios com



Anna Paula Losi, diretora executiva da AIPC

BRASIL: VARIAÇÃO DAS VENDAS DE CHOCOLATE NA PÁSCOA



Fonte: Boa Vista SCPC



prazos bastante antecipados para as compras dos consumidores durante a Páscoa. Daí o motivo de as vendas ainda terem ficado dentro dos volumes considerados normais no primeiro trimestre deste ano em comparação ao mesmo período de 2019, com moagem de 56.985 toneladas de cacau (+6,5%) e recebimento de 50.525 toneladas (+29%).

"Como, em geral, concluem seus pedidos entre o final do ano anterior e o mês de janeiro do ano corrente, as processadoras não sentiram os contratempos das entregas para a comemoração da Páscoa", esclarece Anna Paula Losi, diretora executiva da Associação das Indústrias Processadoras de Cacau (AIPC). No entanto, neste ano, tendo passado essa fase, as mesmas indústrias chocolateiras passaram a reduzir de maneira drástica os pedidos, em decorrência da baixa no giro do varejo.

MOVIMENTOS DE REDUÇÃO

O mercado começou o primeiro semestre com boas perspectivas. De janeiro a março, o setor moageiro inflou o volume de recebimentos e sustentou as exportações, em linha com o gradual crescimento no consumo de chocolates e demais produtos derivados.

A partir do segundo trimestre, no entanto, o contexto tomou o rumo inverso no acumulado de abril e maio em comparação aos mesmos meses de 2019. O volume de moagem recuou 20,9%, passando de 38,2 mil para 30,2 mil toneladas. Já o recebimento de cacau nacional, em pleno período de início da safra, caiu 3%, de 32,6 mil para 31,5 mil toneladas. Ainda assim, quando se analisa o acumulado dos cinco primeiros



meses de 2020 em comparação a 2019, há um aumento de 22,6% no volume recebido, de 50.925 para 62.436 toneladas.

Diante desses resultados, a indústria processadora prosseguiu com as compras das amêndoas dos produtores. "Faz parte do fluxo normal do setor contribuir com e apoiar a cadeia produtiva justamente na fase de início da safra do Brasil, quando há oferta crescente na quantidade de matéria-prima disponível", afirma Losi. A capacidade da indústria de assumir e acumular riscos dependerá dos fatores da demanda do produto final ao longo dos próximos meses. "As posições para assumirmos as aquisições e as armazenagens do cacau dependerão da garantia dos pedidos de compra dos clientes ou da suficiência do preço pago para cobrir os custos", explica a diretora da AIPC.

QUEDA NA DEMANDA E IMPACTO SOBRE OS PREÇOS E AS IMPORTAÇÕES

Quando se traça uma visão global, percebe-se um quadro ainda mais complexo, visto que a queda na demanda por derivados (produtos oriundos do processamento de cacau, como liquor, manteiga e pó) e amêndoas não está ocorrendo somente no Brasil, mas também no mercado externo. A Argentina e os Estados Unidos, dois dos principais mercados para a indústria processadora, mostram uma queda na demanda e uma demora maior nos trâmites de registros para cruzar as fronteiras. Com a retração do consumo e da demanda no Brasil e no exterior, somada ao aumento da oferta de cacau com o início da safra temporã, o mercado experimenta um enfraquecimento nos preços.

Guilherme de Castro Moura, vice-presidente administrativo financeiro da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (FAEB), explica o impacto da queda dos preços não somente sobre a rentabilidade dos produtores, mas também sobre a capacidade de investimentos. "O efeito desse deságio dos últimos meses carrega como base de cálculo uma análise



Guilherme de Castro Moura, vice-presidente administrativo financeiro da FAEB

de risco que leva em consideração o quadro duvidoso vivido e fomentado pela queda no consumo verificada após a Páscoa", pondera. A esperança dos produtores leva em conta mudanças nesse panorama nebuloso, com mais firmeza na recuperação dos preços.

No caso brasileiro, a desvalorização do real em relação ao dólar ajudou a compensar a queda nos preços. Anna Paula Losi justifica que "isso acontece porque o preço-base usado como referência é o valor praticado na Bolsa de Nova York, em dólar, enquanto os produtores brasileiros recebem seus pagamentos em reais. Assim, devido à depreciação do real em relação ao dólar, o preço praticado aqui compensa a redução causada pela menor demanda".

Uma alternativa seria desenvolver novas maneiras estratégicas para vender o cacau nacional diretamente na Bolsa de Nova York, por meio das cooperativas ou dos consórcios. Esse modelo alternativo significa competir com outros *players* – como Equador, Peru, Nigéria e Camarões, cujos produtos possuem qualidade similar e preço menor em comparação aos da amêndoa brasileira –, tornando-se o produto brasileiro mais competitivo no exterior.



As importações de amêndoas de cacau também estão sendo afetadas. Nas últimas décadas, a produção brasileira não foi suficiente para suprir a demanda doméstica. A indústria de processadores teve de recorrer e depender das importações para atender as demandas dos clientes. Em 2019, a moagem total das indústrias foi de 219.853 toneladas, enquanto a produção nacional atingiu 178.829 toneladas. "Com a queda da demanda devido à pandemia, o nosso volume de importações deverá ser reduzido nos próximos meses, em razão das forças de baixa influentes no mercado", explica Losi. Esse efeito já deu sinais evidentes em abril e maio últimos, tendo o volume importado de amêndoas passado de 12.012 toneladas, em 2019, para zero, em 2020.

Para reduzir o volume de importação de amêndoas, há um interesse comum por parte dos produtores e da cadeia produtiva. "Como a importação significa, também, altos custos com imposto e logística, cabe haver, em compensação, um aumento da produção nacional de amêndoas, com investimentos em manejo e melhora da qualidade da matéria-prima", conclui Losi.

RECUPERAÇÃO DA ECONOMIA E DO CONSUMO

As iniciativas para fomentar a produção brasileira decorrem não apenas de ações das empresas, mas principalmente em conjunto com os projetos do CocoaAction, lançado pela Fundação Mundial do Cacau (WCF, na sigla em inglês) no Brasil há dois anos. Esse modelo deve contribuir com o fortalecimento da cadeia de suprimentos e melhorar a produção nos próximos anos. Para Losi, "esses empreendimentos são fundamentais para ajudar os produtores a aumentarem sua rentabilidade e sua produtividade".

De fato, a organização dos produtores em associações e cooperativas não representa uma alternativa, mas sim a saída para uma ativação mais integrada da cadeia produtiva. Como a maior parte da produção vem das pequenas propriedades, cabem instrumentos de apoio para os produtores emergirem em termos econômicos e tecnológicos. "Essa organização será fundamental para conseguirem ter acesso a crédito, investirem em máquinas e melhorarem o manejo, com repercussão na qualidade e na produtividade para acesso a novos mercados", enfatiza Moura. Na análise do vice-presidente da FAEB, será preciso, no curto prazo, uma melhora na conjuntura para que o produtor tenha condições para investir e conseguir acesso ao financiamento.

PROCESSAMENTO, RECEBIMENTO, IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO DE AMÊNDOAS E EXPORTAÇÃO DE DERIVADOS (EM TONELADAS)

ANO	Amêndoas				Derivados
	Processamento	Recebimento	Importação	Exportação	Exportação
2010	222.354	198.889	47.413	243	59.382
2011	229.129	176.580	32.516	724	59.395
2012	235.760	228.811	54.886	483	52.891
2013	230.177	194.276	17.003	338	47.555
2014	224.445	218.472	38.042	501	50.278
2015	219.332	229.201	11.021	6.831	57.975
2016	216.504	152.350	57.507	389	60.588
2017	218.383	162.130	61.005	754	59.901
2018	220.257	197.542	62.469	616	49.432
2019	219.853	178.829	56.110	491	50.408

Fonte: AIPC

Diante da atual conjuntura de incertezas, ainda fica difícil prever e mensurar os impactos da pandemia sobre o setor. "No melhor dos cenários, esperamos uma retração entre 5% e 10% da moagem, sendo que a retomada do setor dependerá de dois fatores importantes totalmente externos à cadeia produtiva: a volta do consumo e a recuperação da economia", completa Losi.

O contexto complexo mostra a necessidade relevante de uma melhor organização do setor. Existe a premência de se encontrarem alternativas para a produção e a venda diante dessa pandemia vivida pelos cidadãos, sem se saber ao certo quanto tempo ela durará. O esforço deve ser focado na direção de facilitar o acesso ao crédito. O investimento em assistência técnica com manejo e tratamento do cacau refletirá em um aumento da qualidade das amêndoas e, consequentemente, na oportunidade de se alcançarem novos mercados. Para Losi, "isso ajudará a cadeia produtiva a dar um novo passo em direção à construção de um mercado mais maduro, com frutos de um padrão superior e um valor agregado maior". ■

INVESTIMENTOS EM QUALIDADE E NOVOS MERCADOS

Em meio às dificuldades impostas pelos cenários global e doméstico para a cadeia produtiva de cacau, os produtores reagem na prática com o trabalho em rede. O resultado dessa estratégia fortalece a distribuição dos produtos e a conquista de novos mercados. A seguir, são apresentados quatro exemplos importantes:

Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu (CAMTA) – Tomé Açu-PA

Tal Cooperativa possui um quadro associativo formado por 130 produtores de cacau e participação de 25% na produção regional. Os seus produtores cultivam cerca de 1 milhão de pés, com colheita média anual de 800 toneladas. A maior parte das amêndoas vai direto, via exportação, para clientes no Japão, há onze anos.

Alberto Ke-iti Oppata, presidente da Cooperativa, explica que "o percentual exportado varia conforme o clima ambiental de cada ano, já tendo sido embarcados até 80% da produção para o mercado japonês". Ele completa referindo a necessidade de investir na organização da entidade, com melhora de assistência técnica para obter a certificação e o direito ao selo de Indicação Geográfica (IG). "O nosso trabalho de orientação começa com o plantio de variedades indicadas para a produção de cacau fino. Seguimos protocolos para poda e adubação. Tudo isso para atender os padrões buscados pelos nossos clientes", destaca Oppata.



Alberto Ke-iti Oppata, presidente da CAMTA

Para acompanhar de perto o controle de qualidade da produção, os produtores contam com o apoio dos próprios compradores. Entre as vantagens dessa parceria, destacam-se tanto o acesso a assistência técnica, como o preço pago pela tonelada da amêndoa. "O *know-how* compartilhado conosco reflete-se na qualidade das amêndoas produzidas, com maior valorização e melhor remuneração do produtor pelo mercado internacional em relação ao interno", pondera Oppata.

Festival Chocolat Amazônia 2019 – Novo Repartimento-PA

Após vencerem o prêmio de Chocolate de Origem da Amazônia de 2019, os produtores de cacau desse município estão motivados para a construção de uma mini-indústria de amêndoas. Esse projeto será importante para o desenvolvimento da cacauicultura local, cujo ponto-chave está em fortalecer investimentos em assistência técnica, na opinião do consultor Pedro Souza dos Santos, da empresa Agro Amazônia.

Na sua explicação, "sem a orientação para o manejo adequado, o produtor fica para trás. Esse acesso trará um aumento considerável não só para a produção, mas também para a produtividade". No passado, o mercado não valorizava a amêndoa de melhor qualidade com uma remuneração melhor para o produtor. Essa mudança representa mais oportunidades de negócios para todos", afirma Souza dos Santos.



Pedro Souza dos Santos, da empresa Agro Amazônia

Associação dos Cacauicultores do Espírito Santo (ACAU) – Linhares-ES

Formada por 56 produtores, essa Associação está atenta para as vantagens advindas de investir na melhoria da produção e na organização. Os esforços são cada vez maiores para fortalecer esse processo de desenvolvimento. O caminho consiste em estimular a produção de cacau fino para atender a demanda das empresas de chocolates *premium* na região.

Mauro Rossoni Júnior, presidente da entidade, cita os retornos dos investimentos no manejo para a produção de amêndoas de maior qualidade. Muitos já têm o selo de IG. "Hoje, o cacau fino representa 15% da produção total dos associados, com potencial para crescer mais".

Aos poucos, a mentalidade do produtor muda, e este começa a enxergar a importância de se organizar para buscar novas oportunidades de mercado e não depender apenas do setor público. "É preciso que nos organizemos, mas precisamos reinventar e buscar, juntos, novas oportunidades e mercados. Os nossos passos devem ser no sentido de buscar clientes no mercado externo em breve", finaliza.

Sindicato dos Produtores Rurais de Ilhéus – Ilhéus-BA

O desenvolvimento do segmento de chocolate *bean to bar* representa uma alternativa para os produtores de cacau da Bahia. Há um movimento importante estimulando que as cooperativas e as associações também se organizem para investir na melhora do manejo e da qualidade do cacau, com olhos voltados para o mercado externo. "Ainda pequena, a parcela do segmento de cacau fino corresponde a apenas 2% do total produzido no estado, mas deve continuar a crescer nos próximos anos", esclarece Milton Andrade Junior, presidente do Sindicato e produtor.

Ele cita, inclusive, algumas inciativas vindas do governo federal para a criação de oportunidades ao setor, como um fundo para o cacau – a exemplo do Fundo de Defesa da Economia Cafeeira (Funcafé) – e as exportações, como a plataforma Agro.BR, promovida pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e pela Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil) com o intuito de fomentar a exportação de produtos como o cacau fino.



Milton Andrade Junior, presidente do Sindicato dos Produtores Rurais de Ilhéus e produtor

A ***Agroanalysis*** agradece a participação e a contribuição da jornalista Juliana Ribeiro, coordenadora de Comunicação da AIPC.